



ASSOCIAÇÃO DOS
OFICIAIS DA
RESERVA NAVAL

O Render da Guarnição 2000



ANO V • Nº 11 • PUBLICAÇÃO PERIÓDICA • ABRIL 2000

Um privilégio

para 3000 membros

- Usufruir para ti e até quatro acompanhantes, em qualquer época do ano de um desconto de 30% sobre os preços de balcão no alojamento dos **Aldeamentos Turísticos de Pedras D'El Rei e Pedras da Rainha em Tavira - Algarve**;
- Usufruir, para ti e até quatro acompanhantes, em qualquer época do ano, de um desconto de 25% sobre os preços de balcão no alojamento (dormida e pequeno almoço) nas seguintes unidades do **Grupo Hoteleiro Fernando Barata**:

Mónica Isabel Beach Club (Albufeira)

Forte de S. João (Albufeira)

Hotel Sol e Mar (Albufeira)

Hotel Suiço-Atlântico (Lisboa)

Aparthotel Auramar (Albufeira)

Hotel Sol e Serra (Castelo de Vide)

Hotel Mar à vista (Albufeira)

Hotel Dom Fernando (Évora)

Oleandro Country Club (Albufeira)

Hotel São João (Funchal)

Residencial Vila Recife (Albufeira)

- Utilizar a messe de Marinha em Cascais;
- Usufruir de condições especiais na Estalagem da Quinta de Santo António em Elvas.
- Acesso às consultas do Hospital de Marinha, a todos os associados da AORN, conjuges, ascendentes e descendentes que integrem o respectivo agregado familiar.

Em **turismo de habitação**, extensivo até cinco acompanhantes, na margem esquerda do rio Douro. Em qualquer época do ano, na Vila de Resende, com desconto de 30% no alojamento (dormida e pequeno almoço).





Editorial



ASSOCIAÇÃO DOS
OFICIAIS DA
RESERVA NAVAL

Publicação Periódica da Associação
dos Oficiais da Reserva Naval
Nº 11 • Ano V
Abril de 2000

Administração e Redacção

Fábrica Nacional da Cordoaria
Rua da Junqueira
1300- 342 Lisboa
Telefs.: 21 362 68 40 / 21 362 68 39 (Fax)

Design e paginação electrónica

M. LEMA SANTOS
Comunicação Gráfica, Lda.
Casal do Barota, Lote 65 - Loja Direita
2605-659 BELAS

Fotolito, impressão, acabamento e distribuição

MARSIL - Artes Gráficas,
??????????

Tiragem

3000 exemplares



Na falta – ainda durante mais algum tempo – de um espaço de reunião onde cada qual se possa deslocar com assiduidade, revendo-se no ambiente que lhe mantenha viva a lembrança da sua passagem pela Briosa, a *Revista*, que periodicamente entra em casa de cada um, vai cumprindo a sua missão de divulgação das actividades desta Associação.

Tem sido assim ao longo de onze números já saídos e, embora reconhecendo-se-lhe o defeito de ser uma publicação “virada para dentro”, também se lhe elogia a tentativa, por vezes conseguida, de uma abordagem de temas de interesse mais amplo.

Saberão, no entanto, quantos a recebem que, salvo honrosas excepções, os “fazedores” dos textos são “*sempre os mesmos*”?

E quanto aos apoios para que a *Revista* deixe de constituir encargo de tesouraria, saberão os leitores que os alcançados até ao momento, se devem “*sempre aos mesmos*”?

E saberão também que o trabalho de envelopar, etiquetar, fechar e despachar se faz, igualmente, “*graças aos mesmos*”?

É um pouco como o fogueteiro da história, que fazia a festa, lançava os foguetes e ainda corria atrás das canas para fazer apitos...

Será que vai ser assim durante muito mais tempo?

Ou será que estará para breve a colaboração de tantos que a recebem e que, frequentemente, dão o seu nome a artigos de real categoria, que todos vemos publicados nos mais diversos meios de comunicação?

Assim seja!

A Comissão de Redacção

O 7º CEORN



O 7º CEORN foi incorporado na Armada em 15 de Agosto de 1964, e dele faziam parte 64 Cadetes – 30 da classe de Marinha, 1 Médico, 1 Engenheiro Contrutor Naval, 6 Engenheiros de Máquinas, 7 da classe de Administração e 19 Fuzileiros.

Foi Patrono deste curso, **Hermenegildo Capelo**, Oficial da Armada que, no século XIX, conjuntamente com Roberto Ivens, vivera a fantástica aventura da travessia que intitularam “De Angola à Contra-Costa”, percorrendo 4500 quilómetros do continente africano, do Atlântico ao Índico, feito que os tornou figuras ímpares da nossa História.

À data da incorporação era Comandante da Escola Naval o então **Comodoro António Morgado Belo**.

Pela primeira vez, a Escola aproveitava os ainda cadetes RN para complementarem a formação dos cadetes da EN.

Nesse sentido, em 4 de Dezembro, o cadete RN da classe de Administração Naval, Ernâni Rodrigues Lopes proferiu uma conferência subordinada ao tema “Aspectos Gerais do Desenvolvimento Económico”.

E foi ainda o cadete **Ernâni Rodrigues Lopes** (0290.07) que recebeu, no dia do Juramento de Bandeira, o Prémio Reserva Naval por ter sido o aluno com a melhor classificação deste curso.



Um grupo de Oficiais e Familiares



Ernani Rodrigues Lopes



Manuel Almeida Abecassis



Rui Lima Saraiva



António Correia de Sá

A viagem de instrução realizou-se nas Fragatas Diogo Cão e Corte Real e teve como destino a Madeira, Cabo Verde e Guiné.

A promoção dos Cadetes a Aspirantes verificou-se no dia 29 de Abril de 1965.

A incorporação deste CEORN tinha por objectivo, tal como se verificava desde 1961, a preparação dos RN para a mobilização e rendição nos cenários de África.

Pouco tempo após a entrada deste curso, em 25 de Setembro desse ano, a Frelimo iniciava a sua luta de guerrilha no Chai, Distrito de Cabo Delgado e no Cobué, no Niassa.

O aumento ao efectivo da Armada de novas Unidades Navais verificou-se nesta época, nomeadamente Lanchas de Desembarque do tipo LDG, Patrulhas LFG e Lanchas LFP.

Nestes navios, assumiram funções de Oficiais Imediatos vários elementos RN's do 7º CEORN (nas LFG's e nas LDG's), enquanto para as LFP's foram nomeados para exercerem o seu Comando.

Manuel Almeida Abecassis (0275.07), no *NRP "Marte"*, **Rui Lima Saraiva** (0279.07), no *NRP "Pollux"*, **António Correia de Sá** (0251.07), no *NRP "Vénus"*, **António Baptista Melo**



António Baptista Melo



Fernando Pacheco da Costa



A LFP "Espiga"



A LFP "Pollux"



Francisco Mendes Godinho



João Von Mayer Reis



Carlos Lopes Carvalho



João Canada



Luis Frutuoso da Costa



Vasco Quevedo Pessanha

(0254.07), no *NRP "Rigel"*, **Fernando Pacheco da Costa** (0257.07), no *NRP "Urano"*, **Francisco Mendes Godinho** (0260.07), no *NRP "Saturno"* e **João Von Mayer Reis** (267.07), no *NRP "Régulus"*, **Carlos Lopes de Carvalho** (0256.07), no *NRP "Espiga"* e **João Canada** (0264.07), no *NRP "Urano"*, foram Comandantes destes navios.

Como Imediatos assumiram funções, respectivamente, **José Ferreira Guimarães** (0270.07), **João Rodrigues de Oliveira** (0262.07), **Francisco Orey da Cunha** (0259.07), **Joaquim Coelho Palminha** (0268.07), **Luis Frutuoso da Costa** (0271.07), nas *LFG's* e **António Carvalho Santos** (0255.07), **Manuel Ferreira Lima** (0274.07) e **João Almeida Santos** (0261.07), nas *LDG's*.

Também nas restantes classes se verificou a mobilização para África, nomeadamente para a Guiné – **Francisco Mendes Fernandes** (0303.07), fuzileiro do DFE 7, **Américo dos Santos Pinto** (0296.07), do DFE 3, **Mário Carvide** (0309.07), do

DFE 6, **Cabrita da Silva** (0297.07) e o médico **Fernando de Jesus Monteiro** (0281.07), da Companhia nº 7 e, para Angola, **Bernardo Lobo Xavier** (0289.07), da classe de Administração, que prestou serviço no Comando Naval e **Vasco Quevedo Pessanha** (0312.07), fuzileiro do DFE 13 destacado no Zaire, em Massabi e na região dos Dembos, onde comandou a primeira Força de Marinha destacada na região de Lungué-Bungo, no Sueste do território.

Foram cinco os oficiais que ingressaram no Quadro Permanente, mantendo a ligação à Marinha e atingindo alguns o posto de Capitão de Mar e Guerra.

Na breve evocação do 7º CEORN que neste número da Revista se faz, não ficam esquecidos todos quantos nos privaram já da sua companhia. A presença de cada um será sempre marcada nos reencontros deste curso.



A LFP "Júpiter"



Artur Santos Silva



José Vieira Baptista



Rui Machete



José Pires Branco

NOTÍCIAS



Briefing no Auditório do GIEA / Escola de Electrotecnicia



Escola de Máquinas – Visita ao simulador do MCR (Machine Control Room) dum Frigate da classe “Vasco da Gama”

A convite do Comandante do **Grupo nº 1 de Escolas da Armada**, reuniram-se numa jornada de convívio em Vila Franca de Xira, 25 RN's que, em diversas épocas, prestaram serviço naquela Unidade. Foi no dia 30 de Setembro passado.

Acompanhados pelo CMG José Manuel Alves Correia, Comandante do GR Nº1 EA, e pelos Oficiais das diferentes Escolas – *Abastecimentos, Electrotecnicia,*

Máquinas –, aos visitantes foi dado a conhecer o actual funcionamento da Unidade, sua actuação na formação técnica do pessoal de marinha e disponibilidade para receber e instruir civis que a ele recorram, provenientes de empresas ligadas às várias matérias ali ministradas.

Um almoço servido em ambiente de franca camaradagem, foi pretexto para troca de lembranças entre o Comandante Alves Correia e os RN presentes.

Em nome destes, usou da palavra João Guimarães Assédio, do 3º CEORN, que ali prestou serviço em 1962 e que fez entrega à Unidade da Cresta da AORN.

Ao Comandante Alves Correia, entretanto promovido a Contra Almirante, os agradecimentos pela magnífica jornada e os votos das maiores felicidades, com os parabéns da AORN pela ascensão ao Almirantado.



Escola de Máquinas
Visita ao Laboratório de Automação



Messe de Oficiais – Troca de lembranças entre o Comandante Alves Correia e João Guimarães Assédio (3º CEORN)

Fundação
Luso-Americana
para o Desenvolvimento

Na pesquisa histórica uma presença permanente

CICLO DE CONFERÊNCIAS NACIONAIS



A Mesa da Presidência



Ernâni Lopes e o Dr. Júlio Castro Caldas

Integrada no *Ciclo de Conferências Nacionais* promovido pela AORN, teve lugar na cidade de Évora, no Auditório da Universidade, no passado dia 25 de Janeiro, a 2ª Conferência subordinada ao tema “*Desenvolvimento Regional*”.

Foram conferencistas o Professor Manuel Carlos Lopes Porto que pertenceu ao 9º CFORN, o Engenheiro João Carlos Durão Lopes Saraiva (do 16º) e o Engenheiro Victor Henrique Louro de Sá (do 21º). Profundos conhecedores da matéria, apresentaram as suas comunicações com grande brilhantismo, perante uma assistência muito interessada e participante no debate final.

Na mesa de honra, presidida pelo Vice-Reitor da Universidade de Évora, Professor Amílcar Serrão, em representação do Magnífico Reitor, tomaram assento o

Ministro da Defesa Nacional, Dr. Júlio Castro Caldas, o Chefe do Estado Maior da Armada, Almirante Nuno Vieira Matias, o Presidente da Assembleia Geral da AORN, Professor Ernâni Lopes, o Dr. Rodrigues Maximiano, Presidente da Direcção e o Presidente da Câmara Municipal, Dr. Abílio Dias Fernandes.

Inicialmente prevista para uma duração de duas horas, prolongou-se para além das três, com intervenções de vários assistentes, a que os conferencistas responderam segundo o critério e ordenamento do moderador.

O Ministro da Defesa, o Almirante CEMA, o Presidente da Câmara Municipal, o Comandante Lopes Moreira, do Instituto Superior Naval de Guerra, o Comandante Casimiro Barreto e os Engenheiros José da Costa Bual e Pedro Coelho, da AORN, foram alguns dos intervenientes no debate.

Seguiu-se um jantar no Restaurante “Galhetas”, propriedade de um antigo marinheiro, com a presença de cerca de cem pessoas e no qual, entidades convidadas e AORN tiveram oportunidade de manifestar o seu agrado pelo nível da conferência e pelo convívio proporcionado.

O Presidente da Assembleia Geral da AORN fez entrega da serigrafia da Associação à Universidade de Évora, na pessoa do Vice-Reitor e à Câmara Municipal, na pessoa do seu Presidente.

Ao Dr. Júlio Castro Caldas e ao Almirante Vieira Matias foram oferecidas as medalhas da fundação da AORN.

O Ministro da Defesa, no uso da palavra e agradecendo o convite que de muito bom grado aceitara, felicitou a AORN pela iniciativa e fez a entrega da Cresta da Defesa Nacional, com dedicatória personalizada.



Os conferencistas com o moderador Ernâni Rodrigues Lopes



Uma delegação da Escola Naval



Dr. Júlio Castro Caldas



Almirante Nuno Vieira Matias



João Lopes Saraiva



Victor Louro de Sá



Manuel Lopes Porto

Ao Magnífico Reitor da Universidade de Évora, ao Presidente da Câmara Municipal, à Academia de Música Eborense e a todos quantos se inscreveram ou aceitaram o convite para estarem presentes, realçando, sem menosprezo pelos demais, a delegação da Escola Naval, a AORN agradece a adesão e interesse manifestados.

Um agradecimento muito especial aos conferencistas, Manuel Lopes Porto, João Lopes Saraiva e Victor Louro de Sá pela disponibilidade que desde a primeira hora manifestaram, conferindo a esta jornada o brilho que se lhe reconheceu.

Na sequência da jornada de Évora, o Chefe do Estado Maior da Armada dirigiu ao

Presidente da Direcção da AORN o seguinte ofício:

«É por dever de justiça e por dívida de gratidão, que venho agradecer a forma como a Marinha foi acarinhada, enaltecida e dignificada na magnífica jornada de ontem em Évora.

Considero que se o carinho com que a nossa Instituição foi tratada se pode atribuir a um sentimento de saudade pela parte da juventude a ela doada, já o espírito de propugnar pelo interesse nacional, sempre presente em todas as iniciativas da AORN, tem de ser atribuído à superior formação ética e cívica dos seus membros.

Aceite, Senhor Presidente, as minhas felicitações agradecidas pela iniciativa, pela qualidade como foi executada e pelo assinalável êxito por que se saldou.»

*a) Nuno Gonçalo Vieira Matias
Almirante*

Começámos já a preparar a 3ª Conferência, tendo por tema “A Economia do Mar”, agendada para a cidade de Ponta Delgada.



Dois momentos do jantar convívio

ENTREGA DE CONDECORAÇÕES À RESERVA NAVAL



O grupo dos condecorados



O Vice Almirante José Manuel Castanho Paes proferindo a sua alocução

Na Biblioteca do Estado Maior da Armada, presidida pelo Vice Almirante José Manuel Castanho Paes, Superintendente do Serviço do Pessoal, teve lugar no passado dia 11 de Fevereiro, a cerimónia de entrega de condecorações a 14 RN's a quem as mesmas tinham sido concedidas em épocas remotas e cuja publicação em Ordens do Dia à Armada de então, oficializara.

Da relação constavam 4 Medalhas de Mérito Militar de 3ª Classe, atribuídas em 1964 aos 2º Tenentes Luís Alberto Neves Cordeiro, Pedro Norton dos Reis e Rui da Silva Pires, do 3º CEORN e, em 1968, a António Luís Marinho de Castro (8º), e 10 Medalhas das Campanhas das Forças Armadas, atribuídas em 1964 a José Martins Figueira (4º), em 1968 a Rogério Bordalo da Rocha (8º), em 1970 a José Vieira de Sá (11º) e a Ricardo Migães de Campos (11º), em

1972 a José Rasquilha de Abreu (15º), em 1974 a António Gravata Filipe (17º), Francisco Cascabulho Tomé (17º) e Herculano Marques Ferreira (18º) e, em 1976, a Carlos Magalhães Oliveira (21º) e a António José de Oliveira Brás (23º).

Evocada pelo Vice Almirante Castanho Paes a memória de Francisco Cascabulho Tomé, entretanto falecido, foi guardado um minuto de silêncio, tendo a condecoração sido entregue a seu filho Francisco Tomé.

As palavras de Alfredo Lemos Damião, pela AORN, realçaram o simbolismo da cerimónia e o significado da passagem dos RN pela Marinha, mesmo em circunstâncias difíceis, sem cuidar de recompensas.

O facto de muitos dos agraciados se encontrarem na situação de licenciados quando a publicação em OA se verificou,

originou o desconhecimento da concessão das respectivas medalhas.

Em nome dos condecorados, António José de Oliveira Brás, último Comandante do NRP "Rigel", uma das lanchas da classe Bellatrix em serviço em Angola, cumprindo por praxe o "direito ao mais moderno usar da palavra", em sentido improviso agradeceu à Marinha a cerimónia e recordou a figura do Vice Almirante Jaime Barata Botelho, Vice-CEMA, recentemente falecido, que fora o seu último Comandante em Angola e a quem o ligavam laços de muita amizade, nascida nessa época de comissão e continuada em Lisboa, ao longo de vários anos.

O Vice Almirante Jaime Barata Botelho, que a Marinha recorda com muita saudade, foi também para a Reserva Naval, desde sempre e mais recentemente para a AORN, quer como Director do ISNG, quer no Estado Maior da Armada, um Amigo Grande.

Diversos oficiais de Marinha associaram-se à cerimónia, que contou ainda com familiares e amigos dos condecorados.

Na ocasião, o Vice Almirante Castanho Paes dirigiu aos presentes as seguintes palavras:

«É para mim uma grande honra e é também com muito prazer que o faço, presidir em nome do Almirante Chefe do Estado Maior da Armada, a esta cerimónia de entrega de condecorações a ex-oficiais da nossa saudosa Reserva Naval.

E digo "saudosa Reserva Naval", não só por referência ao passado, ao considerar a reconhecida utilidade e mérito que a sua existência trouxe à Marinha, designadamente numa época em que o País passou pelas conhecidas dificuldades políticas e sociais que caracterizaram a situação nacional durante as campanhas ultramarinas e período subsequente, mas também por referência ao próprio presente.

E refiro o presente, porque no exercício das minhas funções de Superintendente dos Serviços do Pessoal, não raras vezes

me tem ocorrido a ideia de quão vantajoso seria para o funcionamento da Marinha de hoje fazer ressuscitar a Reserva Naval. É que no actual quadro de funcionamento de recursos e vocações escassas com que a Marinha se defronta, face ao que crescentemente lhe tem vindo a ser exigido, dispôr-se com as facilidades de então de um válido corpo de oficiais, capaz de suprir as lacunas conjunturais dos seus quadros permanentes e, oferecendo-lhe ainda as mais valias resultantes de um alargado relacionamento com potenciais dirigentes, das mais diversas actividades e sectores da vida nacional, seria sem dúvida, como o foi no passado, um benefício de valor inestimável.

Contudo, as organizações com responsabilidades públicas não podem viver de sonhos mas sim da realidade e, nesta óptica, não estou aqui para falar das dificuldades da Marinha, mas antes de mais para saldar uma dívida dela para com um conjunto dos seus servidores que lhe dedicou um período significativo das suas próprias vidas.

Um período que acarreteu certamente sa-

crifícios pessoais para muitos mas que foi, em maior ou menor medida, compensado pela vivência de uma experiência humana, social e profissional certamente enriquecedora.

É com certeza porque não consideraram o período do serviço prestado na Marinha como tempo perdido, que os Senhores Tenentes da Reserva Naval, que dentro de momentos vão ser condecorados, decidiram aqui comparecer.

Por outro lado, gostaria de lembrar que, para além de nesta cerimónia me ter cabido a honra de representar o Almirante Chefe do Estado Maior da Armada, me sinto também de certa forma como representante dos comandantes, directores ou chefes que, por razões que seria agora despropositado tentar justificar, vos não puderam impôr pessoal e oportunamente, as condecorações que merecidamente lhes foram concedidas. Porém, como mais vale tarde que nunca, bem hajam pelo vosso empenho em querer receber estas simbólicas recordações de um passado que de todo não quiseram esquecer.

Por fim, aproveito a oportunidade para

pessoalmente felicitar a AORN por esta feliz iniciativa, a qual se insere no conjunto de acertados rumos que tem vindo a prosseguir na viagem que se propôs realizar. Bons ventos continuem a acompanhá-la, são os meus sinceros votos.

Não queria terminar sem uma referência muito especial ao nosso camarada Dr. Francisco Cascabulho Tomé que, por fatalidade do destino já não pode estar aqui connosco senão em pensamento. A sua manifesta vontade de comparecer nesta cerimónia, apesar de já gravemente doente, não pode deixar de nos comover, pelo que revela em termos da sua estatura moral, mesmo para aqueles que, como eu, não tiveram a oportunidade de o conhecer. À sua família, que teve a coragem de partilhar este momento connosco, apresento as sentidas condolências do Almirante Chefe do Estado Maior da Armada e as minhas condolências pessoais, pedindo a todos os presentes o favor de me acompanharem num minuto de silêncio em sua honrada memória.»



Entrega da condecoração a Francisco Tomé em representação de seu pai



António Oliveira Brás agradecendo, em nome dos condecorados



Herculano Marques Ferreira recebendo a sua medalha



Neves Cordeiro, Silva Pires, Cmdte Rui Pires dos Santos e Pedro Norton Reis

A AORN esteve presente nas **cerimónias** de abertura do ano lectivo da Escola Naval e do Instituto Superior Naval de Guerra.

Nas cerimónias evocativas da figura do **Almirante Manoel Maria Sarmiento Rodrigues**, cujo centenário do nascimento se completou no passado ano, a AORN esteve presente nas sessões da Academia de Ciências, da Sociedade de Geografia e da Academia de Marinha.

O **Almirante** Sarmiento Rodrigues é figura da História da Reserva Naval, e era o Director e 1º Comandante da Escola Naval quando, em 1958, o 1º CEORN foi incorporado na Marinha.

Alípio Dias, António Rodrigues Maximiano, Alfredo Lemos Damião, António Marinho de Castro e Jorge Teles apresentaram **cumprimentos de Natal** ao **Almirante** Nuno Vieira Matias, Chefe do Estado Maior da Armada, em nome dos Corpos Sociais da AORN.

Todas as segundas 5^{as} feiras de cada mês, às 20h30, realiza-se um encontro, com ou sem jantar, na sede da AEP (ex-AIPortuense) na Av. da Boavista, 2671.

Os camaradas interessados em jantar deverão contactar directamente com o Sr. António Costa (Restaurante da AEP) pelos telefones 22 6158504 ou 91 7513649 ou através do Joaquim Moreira pelos telefones 21 3815450, 22 9416114 ou 91 7814402.

O Novo Comandante da Base de Fuzileiros, Cmg FZ António Manuel Mateus recebendo o estandarte das mãos do Comandante do Corpo de Fuzileiros, Cmg FZ Vasco da Cunha Brazão



A AORN também marcou presença na entrega de Comando da Base de Fuzileiros e no juramento de Bandeira na Escola de Fuzileiros, em Vale do Zebro.

O 25º CFORN promoveu um encontro comemorativo do 25º aniversário da sua incorporação na Marinha, em 6 de Novembro passado.

Foram 86 cadetes que, em 29 de Agosto de 1974, transpuseram pela primeira vez o portão da Escola Naval, destinados às Classes de Marinha, Médicos Navais, Engenheiros Maquinistas, Administração, Fuzileiros e Técnicos.

Na Escola Naval, recordando tempos idos e preocupados com a manutenção de uma forma física que teimam em demonstrar, realizaram um desafio de futebol, plenos de abnegação, voluntariedade, espírito de sacrifício e alguma técnica residual.

Recebidos pelo 2º Comandante da Escola, **CMG Monteiro dos Santos**, deixaram a sua passagem marcada pela entrega de uma placa comemorativa da efeméride.

Seguiu-se uma Missa, celebrada pelo Capelão da Escola, recordando camaradas, familiares e professores já falecidos.

Na Base de Fuzileiros, o respectivo Comandante, **CMG António Manuel Mateus** presidiu a um almoço que foi pretexto para troca de brindes e motivo para recordações.

A terceira parte deste reencontro consistiu numa visita à Escola de Fuzileiros, em Vale do Zebro, onde o **Comandante Francisco Lhano Preto** acompanhou o grupo numa visita ao magnífico Museu do Fuzileiro e a todos deu conhecimento das actuais actividades desta Escola.



PASSEIOS E VIAGENS

Em colaboração com a empresa **OREY – VIAGENS E TURISMO**, a AORN vai levar a efeito um programa de passeios e viagens, especialmente dedicadas aos seus associados, familiares e amigos, aproveitando a experiência profissional e a oferta de Lourenço

D’Orey, um RN que pertenceu à classe de Marinha do 15º CFORN.

O programa contempla encontros de um só dia, em território nacional e outros de maior



duração, ultrapassando as nossas fronteiras.

O primeiro destes encontros terá lugar já a 20 de Maio e a iniciativa irá certamente constituir um êxito.

Neste número da Revista se lança público anúncio da “**Subida do Sado**”, uma iniciativa que foi um sucesso experimentado já por outras associações.

Dos vários programas, constam alguns especialmente dirigidos à juventude, em terra e no mar, abrindo a AORN a iniciativas que, estamos certos, terão a aceitação generalizada dos associados.





1999



1992



1984



1954

1954 Impressão e Acabamento.

1984 Pré-Impressão Electrónica.

1992 Design Gráfico e Impressão Digital.

1999 Comunicação e Marketing, Multimédia e Web Design.



marsil

comunicação e produção gráfica



O Rumo Certo! **Sempre na Sua Direcção.**

Rua Central de Carvalhido, 374 - Moreira
4471-907 MAIA
Tel: 22 941 61 14
Fax: 22 941 74 92 , 22 941 82 11
marsilma@mail.telepac.pt

Av. Eng.º Duarte Pacheco, Torre 2-3º-5L 1
1070-102 LISBOA
Tel: 21 381 54 40 . Fax: 21 381 54 59
marsils@mail.telepac.pt



Uma divisão

TRANSPORTE MARÍTIMO – Meio século de globalização

A Indústria dos Transportes Marítimos, assumiu-se como o primeiro sector da economia mundial a percorrer os processos da globalização. Hoje, passado quase meio século, apresenta-se como um instrumento de cabal importância para os analistas deste fenómeno, que se estendeu em seguida a outros sectores da economia e cuja tendência aponta no sentido de uma liberalização total de mercados à escala mundial.

Os efeitos desta globalização no nosso país, conduziram praticamente à extinção da Marinha Mercante, a uma evolução desadequada no contexto dos novos desafios da indústria do Transporte Marítimo, a uma crescente fragilização do nosso poder naval e à quase ausente protecção das nossas fronteiras marítimas e do mar português, transferindo para terceiros a capacidade de decisão sobre questões estratégicas da nossa economia e vitais para o garante da nossa soberania.

O Portugal de sucesso sempre foi o Portugal marítimo; porém, nos dias de hoje, deparamo-nos com um país voltado de um modo algo preocupante para os lados de terra.

Se percorrermos a nossa História, desde a fundação da Nação até aos dias de hoje, verificaremos que Portugal foi um país de sucesso, poderoso, respeitado e independente sempre que as suas políticas orientadoras se direccionaram para o mar. Contrariamente, nos períodos em que a

nossa política se desenvolveu no sentido de terra, fomos um país com dificuldades, várias vezes molestado e chegando mesmo a perder a própria independência.

Que fenómeno foi este e quais as razões que conduziram o Portugal Marítimo dos meados deste século, a uma nação reduzida à sua génese peninsular?

No período que precedeu o final da 2ª Guerra Mundial e na continuidade de um processo anteriormente iniciado, os países colonizadores davam autonomia às suas colónias, colocando a economia mundial face a emergentes desafios. A abertura destes novos mercados com a consequente reorganização das trocas comerciais e os novos contornos que foi tomando o desenvolvimento do comércio e da indústria nos países desenvolvidos, sugerem o primeiro esboço da globalização. Contudo, para que esta operação fosse exequível à escala mundial, tornava-se necessário encontrar um fio condutor capaz de gerir com eficácia todos estes fluxos: o transporte (complementado com um eficiente sistema de telecomunicações).

Sem dúvida que a grande via seria o mar; porém, todo o sistema de transportes deveria ser optimizado na perspectiva da conquista contínua de mercados. Quanto mais baixo for o valor do transporte, mais competitivas se tornam as mercadorias, mais se ampliam as potencialidades de novos mercados.

A indústria dos transportes marítimos conhece um novo período de grande desenvolvimento. A normalização de cargas, através de um processo de unitização *standard* (paletes e contentores) e a contínua especialização dos navios e portos quer no que respeita ao transporte, quer no manuseamento e distribuição de cargas, contribuíram significativamente para a redução dos custos de operação e do próprio transporte. Nesta fase, o transporte marítimo apresentava-se já como uma actividade praticamente globalizada, porém, faltava-lhe ainda uma particularidade: as tripulações.

Ligadas por um cordão umbilical aos seus países de bandeira e actuando como uma extensão territorial dos mesmos, as várias marinhas mundiais operavam com tripulações exclusivamente nacionais. Assim o determinava a sua legislação. No final dos anos 40, são criados os registos de conveniência do Panamá e da Libéria, passando os armadores dos navios aqui registados a poder beneficiar de uma tolerância muito maior, tanto no que respeita a impostos como às exigências técnicas e competências das tripulações.

Com o *Flagging-Out* completa-se o processo da globalização dos transportes marítimos: qualquer armador pode construir ou armar os seus navios onde quiser, operar no mercado internacional sob pavilhões de conveniência e utilizar tripulações da nacionalidade que entender.





Navios especializados, empresas redimensionadas, terminais e interfaces otimizados, tripulações internacionais a custos reduzidos e os novos paraísos fiscais bastante permissivos, surgem na cena mundial como novos padrões do transporte marítimo.

No decurso deste período, Portugal mantém ainda o seu Império Colonial e, com ele, uma marinha adequada às suas necessidades comerciais. Não sentiu, como os outros países colonizadores, a necessidade de colocar a sua marinha no mercado internacional e de encetar o respectivo processo de modernização da frota e a evolução na gestão que a competitividade mundial exigia. Idêntico processo ocorreu com as estruturas de apoio em terra: os portos.

Paralelamente ao desenvolvimento tecnológico, surgia uma nova cultura do transporte marítimo, o shipping, para a qual o nosso país só vem a despertar mais tarde com as consequências inerentes.

Nos anos 70, com a descolonização, vemos-nos de repente a braços com uma situação desconcertante: uma marinha desadequada aos novos desafios do transporte marítimo, um mercado desagregado e praticamente destruído, um grande isolamento em relação à realidade exterior e a completa ausência de uma política reguladora e impulsionadora da nossa vocação marítima, mostram um cenário desolador.

Dos vários governos que lideraram este país nos últimos 25 anos, a sua sensibilidade marítima tem-se situado essencialmente na área dos Descobrimentos, na exultação dos oceanos e daquilo que fomos como país de marinheiros. Infelizmente creio que nós somos os descendentes daqueles que cá ficaram e não dos que se aventuraram em busca de novos mundos. Esses ainda hoje partem e podem encontrar-se espalhados por todo o mundo, transportando consigo um estranho orgulho: o ser Português.

Os efeitos desta 1ª fase da Globalização não foram benéficos para Portugal, uma vez que este não conseguiu defender o seu melhor lugar no contexto mundial, muito embora tenhamos todas as justificações plausíveis para explicar este fracasso.

Os efeitos que a 2ª fase terá sobre o nosso país dependerão essencialmente da visão e da capacidade dos intervenientes no projecto e do suporte político que consigam para o efeito.

Este facto carece de uma reflexão muito cuidada. Portugal merece-o... os nossos filhos exigem-no!

*Casimiro Barreto
48º CFORN*



MINHA QUERIDA “BELLATRIX” = NRP 363 - Parte I



José Manuel da Costa Bual (14º CFORN)

Preâmbulo

Durante seis meses fui Comandante da Bellatrix. Agora parece pouco tempo mas, na altura, já

casado e com prole iniciada e, ainda por cima, na Guiné, pareceu-me muito!

Eu até era para ter ficado no Estado Maior, em Lisboa, mas um dia, ao fim de seis meses, estava eu muito sossegadinho no 2º andar do Terreiro do Paço a olhar para o Tejo, quando o meu Comandante ao tempo, o CMG António Duarte da Cruz Filipe me chamou e disse:

“– Bual, dados os bons e leais serviços prestados, e porque se aproxima o seu aniversário, a Marinha não quer deixar passar em branco a efeméride e por isso aqui tem!”

E estendeu-me a valiosa prenda, um lindo bilhete de avião da TAP para o dia dos

meus anos, de ida para Bissau (só de ida), acompanhado pela competente Ordem de Marcha, “o todo” embrulhado nas amáveis palavras de uma gentilíssima Portaria de Nomeação, onde eram tecidos os maiores encómios à minha capacidade de comando – o que eu até estranhei, porque na altura ainda estava por demonstrar!

A primeira reacção foi de recusa, a minha modéstia não me permitia aceitar tal distinção, nem eu me considerava merecedor de tão valiosa prenda...

Mas as palavras insistentes e emocionadas do Sr. Comandante amoleceram a minha resistência e fizeram-me aceitar o presente.

E lá fui...

O primeiro contacto

Cheguei a Bissau às duas e meia da tarde de um daqueles dias da época das chuvas, em que o calor é abrasador e a humidade insuportável, daqueles dias em que, chegado à porta do avião, me senti empurrado para trás pelo peso do ar.

À minha espera, o meu amigo Zé da Silva Dias (o da RN), ao tempo Comandante da Deneb e, interinamente, da Bellatrix que me estava destinada, o cujo pegou em mim e me levou à Solmar, onde nos dessedentámos e comemos um bife; daí, para a sexta no hotel RN; e ao fim da tarde, para um magnífico jantar em casa de um amigo dele que amavelmente se dispôs a tentar ajudar a fazer-me passar o inesquecível dia de anos.

E foi ainda meio enressacados que, logo bem cedo no dia seguinte, embarcámos na Bellatrix para a viagem da passagem do comando.

Como estreia, não foi mau; pelo canal de Melo até Cacine, onde a amável convite dos residentes desembarcámos para jantar, no quartelamento do Exército.

Para jantar e para levar na cabeça, que ainda íamos na sopa quando começaram a

ouvir-se uns sons “sui generis”, novos para mim, mas que logo me explicaram serem rebentamentos provenientes, ao que parecia, de umas morteiradas amorosamente enviadas do outro lado da fronteira pelo PAIGC, com lembranças do Sekou Touré (foi o meu baptismo de fogo e, graças a Deus, o mais perto que jamais dele estive).

Interrompido o jantar, esperámos, e o Zebro nunca mais! E o barulho afastava-se, afastava-se..., em direcção ao mar.

E enquanto conjecturávamos sobre o que se poderia estar a passar – punhamos até a hipótese de deserção do Fogueiro –, começámos a ouvir gritos e pedidos de socorro; era o pobre desgraçado, ofegante (e apavorado, que aquilo eram águas de tubarões), a nado.

Tinha caído do bote, embora com desculpa, que os paineiros do fundo estavam partidos, e com a marreta do dito bote dobrou e cuspiu-o.



A “Bellatrix” – máquinas toda a força a vante

De modo que, para começo, não estava mal: ao fim de pouco mais de 30 horas na Guiné, já tinha levado na cabeça, tido um homem ao mar e perdido o Zebro! Por outro lado, e em contrapartida, que também se deve ver o lado bom das coisas, ao fim de pouco mais de 31 horas na Guiné, já tinha passado incólume por uma operação de fogo, feito um salvamento no Cacine e recuperado um embarcação à deriva...

E assim estava estabelecido o primeiro contacto com a Bellatrix, a gloriosa P 363, autêntica lancha voadora com o seu jeito inconfundível de marcar presença pelo fumo, nos seus picos entusiasmados de 8,19 nós a favor da corrente!

A guarnição

A Bellatrix tinha uma característica que a distinguia das outras lanchas em serviço na Guiné: enquanto que, normalmente, uma guarnição em cada uma delas era rendida de uma só vez, Comandante e restantes elementos, na Bellatrix, por contingências várias e coisas passadas, as rendições eram individuais.

Sorte minha, digo eu, porque isto quer dizer, na prática, que acabávamos por nunca estar na lancha, perdoe-se-me a expressão, aos papéis. Que é como quem diz que, quando eu cheguei, piriquito, a rapaziada explicou-me praticamente tudo. E depois, conforme eles iam sendo rendidos, já o Comandante (cá o rapaz) dominava a situação... Penso eu de que!...

Mas, fora de brincadeiras: guarnições como aquela não haveria muitas, decerto...

Passaram por lá, durante o meu tempo, dois *Mestres*, *Cabos* por sinal – que nunca me calhou nenhum Sargento – mas que acabaram dando conta do recado; *Artilheiros*, destemidos e de pontaria tão afinada que dispensavam a anteparo da peça (reparem que, no modelo da protagonista e, correctamente, não está representado este acessório); *Fogueiros* que sem os milagres dos quais nunca teríamos ido a lado nenhum; e *Radiotelegrafistas* que até conseguiam comunicar com Bissau (e com o EMA!) do meio do tarrafo do Cacheu!...

Pescadores eméritos, que graças a eles (para os cruzeiros do Buba só levávamos arroz, batatas e verdes) as proteínas aranjavam-se lá, diariamente!



Carta da Guiné

Animadores fantásticos, organizadores de tempos lúdicos, que até a segurança aos tubarões garantiam, também no Buba, perfazendo círculos com o Zebro à roda da lancha e transformando as águas circundantes em piscina fabulosa...

E as ostras, nos baixos do Tombali? Eram às carradas, de cada vez que levávamos um comboio de batelões à foz do Cum-bijã!

E o *Peciche* (ou Pecixe), nunca consegui apurar, que tratava de nós todos, e tinha uma mãozinha para o tempero, que vov-vos contar – só não o trouxe para Lisboa porque ele não quis vir comigo.

Era uma equipa do melhor, e devo dizer que só me faltou um electrónico para reparar o radar quando uma vez o seu P.P.I. se transformou numa flor (saudosos ‘70s, dos hippies..).

A vida a bordo

Não faria certamente muita diferença da vida a bordo das outras lanchas, a vida na Bellatrix em cruzeiro.

Levantar, fiscalizar, almoçar, fiscalizar outra vez, jantar e deitar!

E, para ajudar a passar o tempo, ler, escrever (quem ainda não tinha perdido a escrita, já se sabe), conversar, ouvir música, beber uns copos e fazer paciências.

E esperar pelo dia seguinte...

Eu passava a maior parte do tempo entre a Ponte e a minha Câmara, que o calor não convidava a estar ao ar livre. Aliás, na Câmara, cohabitava comigo um ratiinho que era muito meu amigo. Dormia na cama de estibordo, por cima da qual havia uma prateleira com livros a que, pomposamente, chamava biblioteca e, todas as noites, entre as duas e as três da manhã, o *meu amigo* vinha cumprimentar-me, saltando da biblioteca para o chão e usando a minha barriga como degrau. Lá ia à vida dele e só nunca percebi como é que voltava para casa, que nunca o consegui surpreender em tal trajecto.

Havia outras habitantes da Câmara, mas com essas dava-me menos. Não eram nada amigáveis, parecia até que fugiam de mim e teimavam em fechar-se no seu domínio.

Pois é, eram as baratas que, provavelmente para se defenderem do tal calor que nos oprimia a todos, optaram por viver no frigorífico.

Entravam e saíam à vontade pelas borachas, que na verdade não vedavam lá muito bem...

Lembro-me até de uma vez em que recebi um daqueles mimosos por que todos ansiávamos que nos mandassem de Lisboa – era uma remessa particularmente gulosa e continha, entre outras iguarias, um extraordinário queijo da serra, amanteigado e ainda por cima e feliz coincidência, chegou-me a dita encomenda em véspera de sair para um cruzeiro.

Feliz, pensei que aquele cruzeiro até me ia custar menos a passar, com aquele queijinho para ir papando. Pressuroso, carreguei-o para a lancha e largámos de Bissau de madrugada. À noite, já no Cacheu, para culminar um petisco de *Pecixe* e com um vinho que eu até tinha prévia e cuidadosamente escolhido, abri cerimoniosamente o queijo... e, oh céus!, excedia em tudo as minhas expectativas mais optimistas: a massa escorrida, o aroma, o paladar!!! Os cheiros da serra, das ervas da serra, do cardo da serra, tudo me acudia à memória!!!... Eu via-me lá, pastor de um rebanho de ovelhas pastando num fim de tarde, o som bucólico dos badalos embalava-me...

Oh! Cacheu, onde é que estavas que já nem de ti me lembrava!

Aí apareceu-me outra vez o *Pecixe* para levantar a mesa, e acordou-me do sonho. Ia-o matando...

E de novo cá em baixo, no real verde escuro-acastanhado do Cacheu, guardei o queijo, antecipando já o almoço do amanhã. Até dormi melhor nessa noite, os sonhos que eu tive...

Mas na manhã seguinte (quem me dera não ter acordado): o queijo, o meu queijo, o meu rico queijinho, jazia no chão da Câmara!

O frigorífico não era lá muito aficionado de fazer frio: gelo, nem pensar, e frio, talvez uns 5 ou 6 graus abaixo da temperatura exterior (que era p'raí de 40° à sombra...), menos do que isso, não!

Sobre as borrachas do dito já falei, quando contei as baratas!

De modos que durante a noite, o meu rico queijinho, amanteigado como só ele, com a temperatura morninha lá de dentro, foi escorrendo, escorrendo, primeiro pelo chão do próprio frigorífico, depois por baixo das borrachas e para fora dele e, por fim, pelo chão da Câmara afora!...

Quem se aproveitou da situação e se alambazou com o meu queijo foi o *meu amigo*, durante a sua saída nocturna.

E eu, em contrapartida, entrei numa fase depressiva aguda que me durou pelo menos até ao fim do cruzeiro.

O caminho marítimo para o Cacheu

Primeiro que tudo, não é para me gabar (ou talvez até seja), mas quero fazer notar que nunca, repito, nunca encalhei na Guiné.

Posto isto, quero referir que o meu primeiro cruzeiro foi no Cacheu. E dessa primeira vez, como de resto nas 2 ou 3 seguintes, segui escrupulosamente o que mandavam os livros e aconselhavam as boas e seguras práticas de navegação: ia ao mar, contornava o continente até às bóias de marcação do canal (lembram-se?, daquelas que não estavam lá, mas que vinham nas cartas e qu'a gente calculava que deviam ser mais ou menos por ali...) e daí, pimba: direito a terra e Cacheu acima.

Mas um dia, em conversa com um Comandante de LDG (não juro, mas parece-me



Um troféu...

que seria o Comandante Costa Correia) percebi que eles não davam essa volta e iam directos da foz do Mansoa à barra do Cacheu.

Não quis ouvir mais nada: pois se eles calavam pouco menos do que eu, o que é que eu andava ali a fazer às voltas? E fui-me às cartas, passei a dar mais atenção às tabelas das marés, e passei a ir também por lá.

Nunca me arrependi, e cortei alguma 6 ou 7 horas à viagem, ainda por cima as mais chatas...

O Cacheu

Só quem lá esteve é que sabe de que é que eu estou a falar. Daquele braço de mar,

com mais de 200 Km de comprido, com quase 1 m de amplitude de maré em Farim, daquela espécie de canal de perfil em U onde corria um líquido viscoso verde escuro-acastanhado que alguns diziam ser água (no que eu nunca acreditei!), com o tarrafo claustrofóbico emergindo erecto das margens, por vezes até 20 m de altura, com os olhinhos dos crocodilos (dos poucos que escapavam ao Zé Luís Roque Pinho) a espreitarem por entre o emaranhado das raízes e, sobretudo, do negro.

O negro negro das noites sem lua, um negro grosso que até pesava, um negro baço onde não se via a meio metro, um negro que metia medo. Um negro como eu acho que deve ser o negro dos buracos negros.

No Cacheu, os dias passavam mais devagar do que nos outros sítios, devia ser das horas serem mais compridas, ou então daquela humidade grossa (esverdeada, no Cacheu até a humidade era esverdeada...) que se metia dentro dos relógios e lhes atravava os ponteiros.

Num dia típico no Cacheu, ao nascer do Sol, levantava-se o ferro e ficava-se à deriva enquanto o Sol projectava a sombra do tarrafo no rio; então, quando o calor se tornava insuportável, amarrávamos na margem ensombrada; quando o Sol chegava ao zénite, mudávamos para a outra margem; e quando a sombra voltava a cobrir o rio, desamarrávamos e derivávamos de novo, até ao pôr do Sol. E, entretanto, é claro, almoçávamos e jantávamos os petiscos do *Pecixe*.

A excepção eram as clareiras: aí sempre havia algum "suspense": punham-se os motores a trabalhar, o pessoal nos postos de combate e, às vezes, até se fazia fogo para afinar a pontaria, ou então, quanto mais não fosse, para gastar munições em fim de prazo...

Era no Cacheu que a Bellatrix registava os consumos mais baixos de gasoil e mais altos de líquidos edíveis: em média, 2 caixas de vinho, 3 garrafas de whisky e 3 garrafas de gin, por cruzeiro.

(Fim da 1ª Parte)

José Manuel da Costa Bual
(14º CFORN)



MISSÃO METANGULA 1999 - PARTE II

Passados que são trinta anos, fomos encontrar Metangula transformada. Cresceu, consolidou-se, tem mais população e a livre circulação de hoje, relativamente aos riscos desses tempos idos, permite apreciar em toda a sua grandeza, a beleza de uma paisagem inesquecível.

A recepção que nos esperava excedeu as nossas expectativas. Foi de “Pompa e Circunstância”. A receber a Missão, o *Administrador do Lago*, Dr. Manuel Chimene, o *Comandante da Base Naval*, Comandante Nitrogénio Anastácio Mapanbene, acompanhado de todos os Oficiais e demais pessoal militar e civil e o *Presidente do Município da Vila de Metangula*, Gabriel Katawala.

Após os cumprimentos de chegada, teve lugar uma sessão solene de boas-vindas, presidida pelo Administrador do Lago, com a presença do Director Geral dos



Manuel Chimene e Ricardo Campos na Praia de Chuanga

Transportes do Niassa, Tomás Henriques Narciso, em representação do Governador do Distrito.

O Dr. Manuel Chimene dirigiu palavras de amizade, na linha da mensagem que deixou escrita no “*Livro de Bordo*” da Missão e que se transcreve:

«Foi para mim um grande prazer em ter convivido com companheiros que há mais de 30 anos pisaram as terras de Metangula e faço votos para que mais vezes estejam entre nós.»

Reviver as terras do Niassa é viver».

Agradeceu o Comandante Fernando Santos Lourenço, Adido de Defesa junto da Embaixada de Portugal e eu próprio.

Na oportunidade, diversas lembranças foram entregues, marcando um encontro que teve momentos de profunda emoção.

Pudémos então constatar o quanto representou, para as entidades que nos receberam, a presença de um grupo que, de forma tão espontânea, se emocionou ao recordar a sua já longínqua passagem pelas terras do Niassa.

A esta cerimónia, que teve lugar no exterior da Base, seguiu-se outra no seu interior, com uma dignidade e elevação particularmente marcantes, agora de índole militar, em que fomos considerados e tratados com todas as honras.



Nitrogénio Mapanbene cumprimentando Marques de Ascensão na presença de Ricardo Campos



Com o Comandante Santos Lourenço



Comandante Nitrogénio Mapanbene, Ricardo Campos, Pereira da Silva, Júlio Massena, Luis Henriques e Manuel Chimene

A descrição desta recepção na Unidade Militar não é tarefa fácil. Na nossa condição de civis, não esperávamos que nos fosse concedido o “direito” de ver, perante nós, perfilados, todos os oficiais e sargentos, a quem cumprimentámos pessoalmente um a um.

Emocionante também, o termos igualmente perfilados os elementos civis da Base que, ao cumprimentarem-nos, nos reconheciam e, no caso especial de muitos, lembrando a circunstância de terem por nós sido tratados quando recorriam aos nossos serviços médicos.

O registo fotográfico pessoal não foi possível, embora a RTP tenha recolhido imagens da cerimónia.



Na Praia de Chuanga, o Comandante Nitrogénio Anastácio Mapanbene com as crestas da Marinha de Guerra Portuguesa e da AORN que lhe foram oferecidas

Foi-nos então proporcionada uma visita às instalações da Base. Começámos pelo Hospital, aquele hospital que tem para mim um particular significado, pois foi ali que,

recém-formado, comecei a minha actividade autónoma como médico.

Foi ali que vivi algumas das fases mais difíceis de uma iniciação profissional complicada, ainda com curta experiência e agravada por um grande isolamento, aliado a reduzidos recursos técnicos.

Foi uma época de grandes ensinamentos e muito do que hoje é a minha actividade profissional e pessoal se deve às circunstâncias adversas desse tempo, importantíssima escola para o exercício da medicina e da vida.

O Hospital encontra-se bem conservado e foram-nos dadas a conhecer as suas actividades e também as dificuldades do seu funcionamento.



Encontraremos, certamente, formas de apoio para um melhor reequipamento, indo ao encontro das necessidades que nos foram apresentadas.

Terminada a visita à Base, seguiu-se um almoço oferecido por nós a todas as individualidades, num restaurante da praia de Chuanga, localizada a cerca de 10 Km a Norte de Metangula, nas margens do Lago Niassa; para quem reconheça aquelas paragens, em local situado em frente à Missão da Messumba.

Neste convívio, foi oferecida uma lápide em granito à Base Naval de Metangula, assinalando a nossa visita e várias recordações da Marinha de Guerra Portuguesa e da AORN.

A lápide em granito oferecida pela AORN à Base Naval de Metangula





Joaquim Marques Ascensão, Tomás Henriques Narciso e o casal Teixeira Gomes da RTP África



Ricardo Campos, na praia de Chuanga, cantando poemas do célebre Cancioneiro do Niassa

De particular simbolismo o discurso proferido, na ocasião, pelo Presidente do Município da Vila de Metangula, Gabriel Katawala, de que destacamos algumas passagens, reveladoras do sentimento que fomos encontrar:

«Metangula foi uma pequena povoação da regedoria de Chirombe, situada numa península junto ao Lago Niassa, a escasos 112 Km a Noroeste da cidade de Ex-Vila Cabral, Distrito do Niassa.

Metangula – Mitengula como os nativos lhe chamam – ascendeu à categoria de Vila ainda na época colonial – Vila Augusto Cardoso – designação feita pelos Portugueses em memória de um grande Comandante da Marinha de Guerra Portuguesa, o primeiro a escalar as terras moçambicanas.

Queríamos aqui referir que Metangula é uma Vila que, outrora, constituiu e ainda constitui, para os Portugueses, motivo de grande orgulho, porque é nesta Vila que foi construído um magnífico quartel da

Marinha de Guerra, devidamente apetrechado e altamente equipado, classificando-o como o primeiro quartel do ramo a ser construído no território moçambicano.

... Diga-se, em abono da verdade, que em Metangula está muito bem implantada a alma lusa que caracteriza este nobre povo, herói do mar. Nós, moçambicanos residentes em Metangula, sentimo-nos também orgulhosos e deveras agradecidos, a vós portugueses, pelos sacrifícios consentidos na construção daquele majestoso quartel. Esta acção de gratidão, para nós moçambicanos residentes em Metangula, tem a sua razão de ser, porque a Base Naval de Metangula é uma instituição, embora militar que, tanto no passado como no presente, constitui um posto de serviço que maior número de trabalhadores civis empregou...»

A finalizar, um pedido para que a AORN promova a ajuda possível para aquela localidade de Moçambique, com destaque

para tudo o que a Marinha de Guerra Portuguesa possa influenciar, através de todo o pessoal que por ali passou, nos domínios da assistência médica, apoio logístico e assistência tecnológica.



O Cmde Mapabene e Gabriel Katawala, Presidente do Município de Metangula

Regressámos a Lichinga já a noite corria, juntando a nossa saudade à saudade dos nossos anfitriões, como bem ficou expresso nas mensagens que registámos no Livro de Bordo da Missão.

Aqui deixamos uma palavra de muita saudade em memória do Administrador do Distrito do Lago, Dr. Manuel Chimene, falecido no Natal passado e cuja notícia muito entristeceu quantos com ele privaram nesta jornada de Metangula.

A amizade que demonstrou para com a Missão e a sua irradiante simpatia foram um valioso contributo para o extraordinário ambiente então vivido.

Deixo para outra crónica o relato final desta viagem.

*Ricardo Campos
11º CFORN (MN)*



CLONAGEM HUMANA – UM HORROR QUASE POSSÍVEL!



Agostinho de Almeida Santos (8º CEORN)

De quando em vez o mundo acorda surpreendido por impressionantes e inesperados acontecimentos.

Em 1978, aconteceu espanto quando a notícia foi dada à luz. Nascera então o primeiro ser humano concebido fora do organismo materno. Precisamente num tubo de ensaio. Numa proveta!

Uma onda de frémio perpassou então a opinião pública. Seria necessário e desejável? Seria legítimo? Não seria atentatório da dignidade humana?

Quase vinte anos depois já se concebem milhares de bebés através de técnicas de reprodução medicamente assistida praticadas em laboratórios.

Nos dias de hoje, calcula-se que uma em cada 200 crianças que vêm ao mundo resulte de uma fecundação artificial. Diferentes, portanto, na origem, de todas aquelas que até há bem pouco fizeram a História da Humanidade. Ao longo de muitos e muitos séculos!

A ciência venceu barreiras quase utópicas, antes ultrapassadas.

A Sociedade foi tolerando, paulatinamente, a mudança. Que já se institucionalizou! Sem muitas convulsões, nem grandes temores.

Em Outubro de 1993, biólogos americanos fizeram saber, num congresso científico para o qual tinham convidado alguns jornalistas, que haviam conseguido um novo feito genial.

E anunciaram a concretização da primeira clonagem humana.

Logo deflagrou a bomba. Quase nuclear!

Não houve meio de comunicação que não destacasse o evento.

E a opinião reagiu. Com clamor e generalizada desaprovação.

Muitos responsáveis souberam dizer não a uma experimentação humana inconsequente. Talvez mesmo indesejável. E pouco lucrativa.

O assunto não mais voltou à ribalta. Embora se continuem a duplicar embriões. Com muito êxito e rentabilidade! Mas só em espécies animais.

Em embriões humanos não houve mais notícias de outras tentativas do género. Ou, se houve, já não tiveram o mesmo eco.

Porque deixaram de ser novidade!

Porque já não têm impacto!

Porque os resultados são quase inúteis no foro da medicina humana.

Mais recentemente, em Março de 1997, outra vez o brado colectivo.

As televisões e os jornais divulgaram, com inusitado destaque, a imagem de uma simpática ovelhinha que reproduzia, nem mais nem menos, a primeira cópia do primeiro animal clonado a partir de uma banal célula diferenciada. Podendo-se, assim, vir a obter milhares ou milhões de cópias iguais do mesmo ser, geneticamente autenticadas!

De facto, o que foi conseguido é notável!

E cientificamente deslumbrante!

O núcleo de uma célula de glândula mamária de uma ovelha adulta, biologicamente preparada, foi introduzido no interior de um óvulo de outra ovelha. E assim, sem a presença de qualquer espermatozóide, formou-se um embrião.

Alcançando o êxito, só bastou encontrar um claustro materno. Que foi o útero de uma outra pachorrenta ovelha adulta. Que apenas serviu de habitáculo temporário para o novo ser que já é vedeta.

Assim aconteceu a revolução!

Os conceitos biológicos vão ter agora de ser todos revistos. Desde o princípio!

As espécies podem estar ameaçadas. A diversidade dos indivíduos poderá ter os dias contados. Já não fará sequer sentido a existência de dois seres complementares.

Outro mundo poderá ter de vir a ser construído a partir dos escombros do que agora está a ruir.

Mas, por enquanto, a experimentação, ao que se sabe, só foi no animal.

Será que vai passar ao humano? Ou será que estão já em curso algumas tentativas por aqui e por além? Quem sabe o que se tem estado a passar no segredo bem guardado de alguns laboratórios “*off shore*” ávidos de fama, poder e glória?

Um arrepio colectivo começa a percorrer todo o corpo social.

Graças às novas técnicas constantemente divulgadas tem sido possível alcançar notáveis progressos científicos. Que são desejáveis e ajudam a resolver situações até agora insolúveis. Mas também são imagináveis, através delas, certas preverções que raíam o inadmissível.

Por ora só se vislumbram os perigos de algumas tentações totalitárias ou eugénicas que poderão estar apenas adormecidas na essência de alguns regimes ou na mente de certos messias.

Originar múltiplas cópias iguais de soldados ou de escravos, operários ou intelectuais pode passar, a partir de agora, a estar ao alcance de poderes totalitários. E alguns ainda não desapareceram da memória colectiva até mesmo recente.

As técnicas são possíveis e progressivamente mais fáceis de pôr em prática. Mas hoje, mais do que ontem, é pertinente

querer saber se algumas não serão eticamente discutíveis ou mesmo socialmente inaceitáveis.

E terá de se indagar, também, se certas atitudes esporádicas ou individuais, embora inicialmente recriminadas, não passarão a ver-se progressivamente toleradas através de uma insidiosa penetração no nosso quotidiano.

Os tempos que correm são de profundas mudanças e impõem prudentes reflexões.

Importa avaliar que interesses estarão em jogo e servem o Homem.

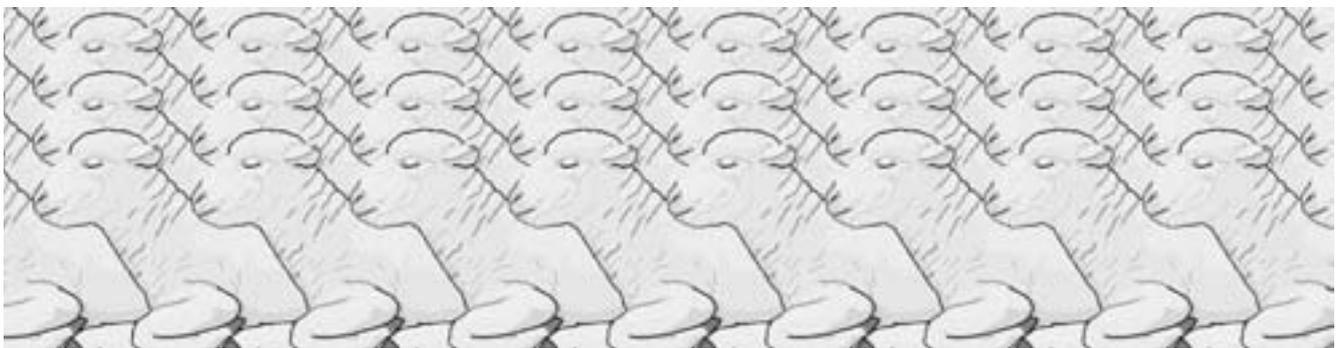
É tempo de declarar, face a deslustrantes avanços científicos, que nem tudo o que é possível tecnicamente é socialmente desejável ou eticamente aceitável.

Talvez seja preciso já, a partir de hoje, ser capaz de dizer **basta**.

Talvez seja preciso **proibir** agora o que tem de ser **proibido**.

Sobretudo, para que amanhã não venham a concretizar-se alguns HORRORES QUASE POSSÍVEIS.

*Agostinho de Almeida Santos
Prof. Cated. da Faculdade de Medicina
8º CEORN (MN)*



A AORN COM OS CADETES DA ESCOLA NAVAL

A convite do respectivo Comandante, *Contra Almirante* Américo da Silva Santos, a AORN “destacou” para a Escola Naval quatro dos seus membros, para um encontro com o Corpo de Alunos, com o objectivo de proporcionar aos Cadetes um conhecimento do que foi, em tempos recuados, a Reserva Naval.

Foi no passado dia 4 de Fevereiro que Alfredo Lemos Damião (15º CFORN), José Pires de Lima (4º), António Marinho de Castro (8º) e Ricardo Migães de Campos (11º), cada qual com experiências vividas em épocas e cenários diferentes, relataram um pouco da História da Reserva Naval desde a sua criação, em 1957, passando pela incorporação do 1º Curso no ano seguinte e pelos anos de comissões em África, ao longo da década de 60 e primeiros anos de 70.

Os quatro procuraram apresentar, de forma alternada, as suas impressões, respectivamente na Classe de Técnicos Especialistas e na Guiné, na Classe de Marinha e em Angola, na Classe de Fuzileiros, também em Angola e na Classe de Médicos Navais, em Moçambique.

Durante duas horas, no auditório da Escola e com a presença do Comando e de grande número de oficiais e professores, decorreu este encontro que terminou com um breve período de perguntas da assistência.

A AORN agradece o convite e a extrema simpatia com que os seus membros foram recebidos na Escola Naval, mantendo a sua total disponibilidade para dar o contributo que lhe for pedido e esteja ao seu alcance proporcionar à Marinha.

Num artigo recente da Revista da

Armada, da autoria do Comandante António Silva Ribeiro, lê-se a determinada altura «... *devem existir e serem desenvolvidas políticas comuns de defesa e, para isso, impõe-se o fortalecimento da consciência nacional. Considero que a tradição histórica portuguesa deverá fazer parte da instrução militar, garantindo a interiorização dos valores e das crenças da sociedade nacional. Neste sentimento, urge reavaliar os cursos de História dos estabelecimentos militares de ensino*».

Se, com esta sua intervenção na Escola Naval, a AORN tiver contribuído para estes objectivos, ficaremos só por esse facto satisfeitos.

Bazar da AORN



Anuário da Reserva Naval
Esc.: 2.000\$00

“Pin” da AORN
em prata
Esc.: 850\$00



Medalha comemorativa
do dia da Marinha 1996
Esc.: 2.500\$00



Cresta da AORN
Esc.: 3.000\$00

Medalha comemorativa
do dia da Marinha 1997
Esc.: 2.500\$00



Medalha da fundação da
Associação dos Oficiais da Reserva Naval
Esc.: 3.000\$00



Vinho engarrafado
especialmente
para a AORN
1 garrafa
Esc.: 1.000\$00



Serigrafia comemorativa da fundação da AORN
Esc.: 20.000\$00



AORN

Editorial

0 7º CEORN

Noticias

Ciclo de Conferências

Nacionais

"Desenvolvimento Regional"

Reserva Naval

Entrega de condecorações

Transporte Marítimo

Meio século de globalização

Minha querida "Bellatrix"

Parte 1

Missão Metangula 1999

Parte 11

Saúde e Medicina

Clonagem humana

A AORN...

... Com os Cadetes da Escola Naval



1995 1